

PSICOPATOLOGIA E LINGUAGEM NA FILOSOFIA DE MERLEAU-PONTY

Roberta da Costa Borges

Resumo

O presente trabalho é um Projeto de Pesquisa de Mestrado que foi elaborado no ano de 2005 para tentativa de ingresso na Pós Graduação da USP de Ribeirão Preto, São Paulo. Enfoca a esquizofrenia e a linguagem dentro da Filosofia Contemporânea de Merleau-Ponty. O método utilizado será o fenomenológico e o objetivo será o de verificar a noção de significação das palavras, no doente esquizofrênico, entre o 'ver' e o 'dizer'.

Palavras-Chave: esquizofrenia, linguagem, Merleau-Ponty

Abstract

The present work is a Project of Research of Master which was elaborated in the year 2005 for to try to get into The USP Pos Graduation, Ribeirão Preto, São Paulo. It focus on schizophrenia and language through of Merleau-Ponty's Contemporary Philosophy. The method used will be the phenomenological and the objective will be checking the notion of meaning of the words, in the schizophrenic person, between 'seeing' and 'saying'.

INTRODUÇÃO

Para Merleau-Ponty, o corpo é um espaço expressivo, nosso veículo de inserção no mundo. Ele se limita aos gestos necessários a conservar a vida e nos traz um mundo biológico, através do qual manifesta um novo núcleo de significação, que é o caso dos hábitos motores. E para que essa significação seja alcançada é construído o mundo cultural.

A consciência só é consciência de algo que arrasta atrás de si seu rastro e para pensar um objeto, é preciso apoiar-se em um mundo de pensamento previamente construído. Não somos consciência puramente intelectual mas somos antes experiência, opaca a si mesma em sua totalidade. A consciência irá projetar-se em mundo físico e tem um corpo, assim como ela se projeta em um mundo cultural e tem hábitos. Dessa forma, o movimento e a visão, por exemplo, são maneiras de nos relacionarmos a objetos e exprime uma função que se trata do movimento da existência. E neste movimento da existência é que o homem deve ser visto. Neste espaço da relação entre corpo e mundo.

Merleau-Ponty visa apoiar o significado da linguagem na própria fala ou expressão, pois não pensamos antes de falar e, considera, dessa maneira, a fala como realização do próprio pensamento. O sujeito falante não tem diante de si, as palavras ditas e compreendidas, como objetos de pensamento ou formações ideais. Segundo Orlandi (1980) "o sujeito não é uma plenitude possuidora: ele é uma certa falta de..." (pg.208). Por isso, preciso estar presente tanto para falar quanto para perceber porque a percepção me tem, assim como a linguagem.

Como o sujeito é enigma aberto a toda e qualquer reversibilidade, a percepção é percepção de expressividade e a linguagem desempenha um papel na constituição do universo da percepção. A fala aparece como uma expressão corporal. A relação da palavra com aquilo que ela está encarregada de exprimir deve ser a mesma de um gesto e o algo visado por ele. A linguagem irá significar quando se deixa desfazer e refazer pelo pensamento. Ela é oblíqua e autônoma e esse caráter de significar é algo secundário, derivado de sua vida interior. Já o pensamento, este "não é nada de interior, ele não existe fora do mundo e fora das palavras." (Merleau-Ponty, 1999, pg.249). O que nos engana é a ilusão de uma vida interior enquanto que essa vida "interior", é uma linguagem interior. Através disso, nossa visão sobre o homem

continuará a ser superficial enquanto não buscarmos essa origem da linguagem e o gesto lingüístico.

A isso, se deve o fato de que a análise da fala e da expressão nos faz reconhecer a natureza enigmática do corpo próprio. O problema do mundo e do corpo próprio está na questão de que tudo reside ali. Em se tratando do corpo próprio, temos uma relação ambígua com este e torna-se importante verificar a alucinação verbal. Ocorre um mecanismo segundo o qual a fala própria é apreendida pelo sujeito como vindo do outro. O fenômeno central é a despersonalização; o sujeito não tem mais a impressão de coincidir com sua fala própria. E aí reside a ilusão de uma palavra alheia.

Atrás da palavra, está uma atitude, uma função da fala que condiciona a palavra. Se fosse possível considerar que a fala prediz o pensamento, ou que falar fosse nos unirmos a um objeto para conhecê-lo ou para representá-lo, não se compreenderia por que o pensamento tende para a expressão. E Merleau-Ponty (1999) afirma que: “Um pensamento que se contentasse em existir para si, fora dos incômodos da fala e da comunicação, logo que aparecesse cairia na inconsciência, o que significa dizer que ele nem mesmo existiria para si” (pg.241). E ocorre que: “A fala e o pensamento só admitiriam essa relação exterior se um e outro fossem tematicamente dados; na realidade, eles estão envolvidos um no outro, o sentido está enraizado na fala, e a fala é a existência exterior de sentido”(pg.247). Portanto não se pode dizer que a fala “seja um simples meio de fixação, ou ainda o invólucro e a vestimenta do pensamento”(pg.247).

No caso do doente com cegueira psíquica (Caso de Schneider) tem-se uma análise da motricidade, concluindo-se que há um privilégio dos movimentos concretos e dos movimentos de apreensão. Pegar e tocar é diferente de mostrar tal parte do corpo para o doente. Ou seja, o espaço pode ser dado em uma intenção de apreensão sem ser dado em uma intenção de conhecimento. O doente não utiliza o espaço corporal como meio de expressar algo nem como ambiente objetivo, mas como local de sua ação. Ele age com o corpo próprio. Quando precisa se movimentar o corpo todo se posiciona e colabora para a tarefa.

Como o doente é seu próprio corpo, ele não tem consciência nem do estímulo e nem da reação já que “o corpo é apenas um elemento no sistema do sujeito e de seu mundo” (pg.154). A doença sendo uma forma de existência completa que emprega fenômenos patológicos na substituição de funções normais, não nos permite deduzir o normal do patológico, nem transferir ao sujeito normal aquilo que falta no doente. O doente usando o corpo como objeto de percepção não tem as mesmas operações que o sujeito normal. Naquele é preciso encontrar percepções capazes de suprir a presença do corpo e dos objetos; seu mundo existe como algo pronto e imóvel. Neste (sujeito normal) existem “pontos de apoio” em seu corpo e como pode escolher ou experimentar situações, vive aberto a elas. Seus projetos organizam seu mundo e o levam a ação. Já que a doença modifica toda a experiência do sujeito e o “tocar” é diferente para o sujeito normal e para o doente, não existe uma experiência apenas tátil e outra apenas visual.

No normal a comunicação com o objeto é significativa; no doente, essa significação terá que vir de outro lugar já que sua percepção perdeu a plasticidade. “O mundo não lhe sugere mais nenhuma significação” (Merleau-Ponty, 1999, pg.185) e aquelas às quais ele se propõe, referem-se mais ao mundo dado. Pode-se dizer que para ele, “o mundo não tem mais fisionomia” (Merleau-Ponty, 1999, pg.185). Ele não pode entrar em uma situação fictícia sem convertê-la em real.

O papel do corpo é transformar idéias em coisas, simbolizar a existência e se realizar nela. Com o corpo agimos em nossa própria vida e enquanto o temos, nos abrimos ao mundo. Porém, pode ocorrer o oposto, o corpo pode se fechar na doença. Nesse mesmo sentido que a fala exprime o pensamento na medida em que se realiza nele. A relação existente entre a expressão e o que ela exprime, entre o signo e a significação não é de via única; estes são momentos abstratos de um fenômeno central: a linguagem.

Ao tratar sobre a esquizofrenia propriamente dita, Merleau-Ponty fala da desintegração operada pela alucinação, substituindo o real por uma “quase-realidade”. A linguagem na esquizofrenia pode sofrer alterações muito peculiares, as quais indicam como o processo de pensar, a formação e utilização de conceitos, juízos e raciocínios estão profundamente afetados pela desestruturação esquizofrênica. As alterações de linguagem mais notáveis e radicais encontradas na esquizofrenia são observadas em doentes muito graves. O sinal extremo dessa

desarmonia das estruturas de pensamento e de linguagem é o desenvolvimento de uma linguagem completamente incompreensível, uma língua privada (do doente) que ninguém entende.

O alucinado julga ver e ouvir mas apesar de ser necessário compreendê-lo, não se deve acreditar nele pois suas percepções não são verdadeiras. A alucinação está diante do mundo, é um fenômeno do corpo próprio, não é acessível e não há como nos conduzirmos a ela. Existe uma relação constante entre o corpo fenomenal e o ambiente no qual se projeta.

Por mais que possamos falar de outras experiências que não apenas aquelas vivenciadas por nós mesmos; não se busca, de fato, coincidir com o doente ou viver sua realidade. Mas quanto a isso, é dentro das minhas situações que aparece a situação do doente e Merleau-Ponty (1999) esclarece que “engano-me sobre outrem porque o vejo de meu ponto de vista, mas eu o entendo quando protesta e enfim tenha a idéia de outrem como de um centro de perspectivas” (pg.453).

Contudo, as alucinações estão se desenrolando em um mundo que não é o percebido. O alucinado fabrica-se em um “ambiente factício” conforme a intenção de seu ser. E diante de toda a exposição, a questão principal deste projeto é: Por que o “ver” é diferente do “dizer” no esquizofrênico?

Merleau-Ponty (2003) diz que a “reversibilidade e a emergência da carne como expressão constituem o ponto de intersecção do falar e do pensar no mundo do silêncio” (pg.140), dizendo com isto que é a partir do corpo do outro que surge o paradoxo da expressão já que “meu mundo privado deixou de ser apenas meu; é agora, instrumento manejado pelo outro, dimensão de uma vida generalizada que se enxertou na minha” (pg.22).

A questão é: como articular ver, sentir, pensar e dizer fazendo parte dessa “presença de ser”? É preciso que fique claro que a fala e o pensamento aparecem e que não são causados. A fala terá que aparecer na infra-estrutura da visão e do sentido. Aí surge, então, a relação do mundo do ver e do mundo do dizer, o visível e o invisível. E Merleau-Ponty (2003) nos esclarece que “o olhar (...), envolve, apalpa, esposa as coisas visíveis” (pg.130) e ainda, que “todo visível é moldado no sensível, todo ser tátil está votado de alguma maneira à visibilidade” (pg.131). E assim, como a percepção (ou visão) ocorre entre aquele que vê (com seu corpo) e o visível (mundo do ver) podemos considerar que a significação aparecerá entre o dizer e o ver, já que “é preciso que aquele que olha não seja, ele próprio, estranho ao mundo que olha” (pg.131).

O ver e o dizer são reversíveis, não há prioridade de um sobre o outro. A significação, nascida entre ambos, irá sustentar a relação da palavra consigo mesma, é algo que se produz no “entre”. Esta é a idéia de que a linguagem tem uma carne (a palavra) só que esta não é uma coisa. “A carne não é matéria (...), não é espírito, não é substância. (...). A carne é um “elemento” do ser. Não fato ou soma de fatos e, no entanto, aderência ao lugar e ao agora” (Merleau-Ponty, 2003, pg.135).

Por isso a pergunta: Que tipo de significação será esta do esquizofrênico? Já que nele a palavra não tem essa relação consigo mesma, está despersonalizada? Nele a significação entre o dizer e o ver será amplamente diferente da significação no sujeito normal. Este sabe que existem as coisas e o mundo, ele não se engana quanto a isso; enquanto que o doente “se beneficia do ser no mundo para talhar-se um ambiente privado no mundo comum e tropeça sempre na transcendência do tempo” (Merleau-Ponty, 1999, pg. 459). Contudo, a representação de mundo no normal também é vulnerável e Merleau-Ponty diz que se “cada percepção sempre pode ser “barrada” e passar para o rol das ilusões, ela só desaparece para dar lugar a uma outra percepção que a corrige” (Merleau-Ponty, 1999, pg.460). E diz que a “conexão entre a aparência e a experiência total é apenas implícita e presuntiva” (Merleau-Ponty, 1999, pg.459).

OBJETIVO

O objetivo do trabalho é estudar a psicopatologia e a linguagem na Filosofia Contemporânea. O foco é a linguagem na esquizofrenia segundo a perspectiva teórica de Maurice Merleau-Ponty com intuito de obter a noção de significação das palavras, no doente esquizofrênico, entre o ‘ver’ e o ‘dizer’.

EXPLICITAÇÃO DA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A execução desse trabalho realizar-se-á com o levantamento bibliográfico exploratório-explicativo acerca do assunto – linguagem e esquizofrenia – a partir dos construtos teóricos da Filosofia Contemporânea de Maurice Merleau-Ponty. A pesquisa terá como obra de referência a *Fenomenologia da Percepção* (1945) de Maurice Merleau-Ponty. E o método utilizado será o fenomenológico.

O método fenomenológico é atualmente amplamente utilizado no âmbito da pesquisa qualitativa em psicologia e psicopatologia por autores brasileiros como AmatuZZi (1993,1996), Forghieri (1993) e Gomes (1998) entre outros.

Para Merleau-Ponty a busca das essências é, nada mais, que um meio de revelação da existência ou facticidade; não se pode pensar a essência desvinculada do mundo. Na pesquisa em psicopatologia, o que será buscado é a compreensão do significado da experiência da linguagem na esquizofrenia enquanto uma experiência mundana. Não será buscada a essência da patologia mental, mas seu significado, entendendo que, como ferramenta crítica, o método fenomenológico pode ser extremamente útil para o desenvolvimento de uma psicopatologia crítica.

A filosofia irá debruçar-se sobre o contexto para procurar a origem e o sentido das perguntas e respostas. Portanto, em vez de estar buscando uma essência do fenômeno, de uma maneira abstrata, será buscado sempre o significado da experiência vivida. Na medida em que a psicopatologia é entendida como uma experiência tanto biológica, quanto cultural, política e ideológica, existindo em mútua constituição com o mundo, para pesquisar a psicopatologia é, portanto, fundamental não que se busque sua essência, mas sim seus contornos. Neste sentido, a fenomenologia de Merleau-Ponty pode ser utilizada como ferramenta crítica de revelação do mundo na pesquisa em psicopatologia, na medida em que compreende o fenômeno psicopatológico de forma mundana, com múltiplos contornos.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Esta proposta de pesquisa por ser teórica e se utilizar do método fenomenológico poderá ser realizada no espaço da Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto, SP, se utilizando do arcabouço bibliográfico disponível. Ou ainda, em outra instituição que se interesse pelo tema tratado.

Bibliografia:

- AMATUZZI, M. (1996). Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Revista Estudos de Psicologia*,13, 5-10.
- DARTIGUES, A. (1992). *O que é Fenomenologia?* São Paulo: Moraes.
- FORGHIERI, Y. (1993). *Psicologia Fenomenológica: Fundamentos, método e pesquisas*. São Paulo: Pioneira.
- MERLEAU-PONTY, M. (1999). *Fenomenologia da Percepção* (tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura). 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes (Tópicos)
- MERLEAU-PONTY, M. (2002). *A prosa do mundo*. São Paulo: Cosac & Naify.
- MERLEAU-PONTY, M. (2003). *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva.(Debates; 40)
- ORLANDI, L.B.L. (1980). *A voz do intervalo: introdução ao estudo do problema da linguagem na obra de Merleau-Ponty*. São Paulo: Ática (Ensaio; 66)

WITTGENSTEIN, L.J.F. (1974). *Wittgenstein, Linguagem e Filosofia*. São Paulo, Cultrix
(Texto original publicado em 1889-1951).

Roberta da Costa Borges Email: robertacostaborges@hotmail.com